

«EUROPEAN LANGUAGE PROFICIENCY SURVEY» — O ESTUDO PORTUGUÊS

ALBERTINA PALMA

ESE
de Setúbal

Esta comunicação dá conta de um estudo conduzido em Portugal com os objectivos de obter dados sobre o perfil dos estudantes de Línguas do ensino superior e de determinar a sua *proficiency* linguística. O estudo inseriu-se num estudo europeu mais vasto, realizado em conjunto pelas Universidades de Duisburg, Alemanha, Portsmouth, Grã-Bretanha, Católica de Milão, Itália, e a Escola Superior de Educação de Setúbal, em Portugal, a que se deu o nome de «European Language Proficiency Survey». A investigação foi financiada pelo Programa LÍNGUA e decorreu no ano lectivo de 1994-95, tendo sido coordenada pela Universidade de Portsmouth.

Os dados de investigação foram obtidos através do Teste-C, desenvolvido por Ulrich Raatz e Christine Klein-Braley a partir de 1981, e de um questionário com um total de 30 perguntas de resposta fechada.

O estudo piloto português envolveu 569 estudantes de instituições do ensino superior e 49 estudantes do 12.º ano. Os resultados da investigação mostram diferenças significativas entre os estudantes portugueses e os estudantes britânicos e irlandeses. Por outro lado, as diferenças entre os estudantes portugueses dos politécnicos e da universidade não têm significado estatístico. Outro dado interessante é que não há um progresso nítido do 3.º para o 4.º ano, em termos de domínio da língua, sendo do 2.º para o 3.º ano que este progresso é mais evidente.

1. O ESTUDO EUROPEU

A «European Language Proficiency Survey» decorreu no ano lectivo de 1994-95, com financiamento do Programa LINGUA. Foi conduzida na Alemanha, Universidade de Duisburg, na Itália, Universidade Católica de Milão, em Portugal, Escola Superior de Educação de Setúbal e na Grã-Bretanha, Universidade de Portsmouth. Esta última foi a instituição que coordenou a investigação.

O estudo teve dois objectivos centrais: (1) traçar um perfil dos estudantes de línguas do ensino superior em vários países (origem, motivações, atitudes, experiência de vida no estrangeiro); (2) determinar o domínio de língua *proficiency* desses estudantes.

Os dados relativos a (1) foram recolhidos através de um questionário idêntico, que cada universidade adaptou apenas no respeitante a elementos identificadores dos diferentes sistemas de ensino (em anexo). Para (2) utilizou-se o Teste-C, uma variante do teste *cloze* desenvolvido por Ulrich Raatz e Christine Klein-Braley a partir de 1981.

O Teste-C é fácil de construir, é aplicado com rapidez e extremamente fácil de classificar de forma objectiva. É composto por 5 textos autênticos, em que, do 2.º ao penúltimo período, se apagou metade de cada segunda palavra. O número de espaços em branco em cada texto oscila entre 20 e 25. A investigação tem provado que o Teste-C é fiável e válido, embora seja considerado pouco credível por parte de estudantes e até de professores. A sua fraca *face validity* é aliás tida como a única desvantagem deste tipo de teste. Para ter uma ideia completa sobre o Teste-C, ver bibliografia no final desta comunicação.

2. O ESTUDO PORTUGUÊS

2.1. Objectivos

Os objectivos específicos do estudo português eram:

- 1) obter dados conducentes ao delinear de um perfil dos estudantes portugueses de Línguas no ensino superior;
- 2) determinar o domínio de língua *proficiency* de estudantes matriculados em diferentes instituições do ensino superior.

2.2. Caracterização da amostra

A investigação portuguesa consistiu num estudo piloto que cobriu 569 estudantes de Inglês e 49 estudantes de Francês. Estes últimos eram todos da mesma instituição, uma Escola Superior de Educação. Os estudantes de Inglês frequentavam quatro instituições de ensino superior (uma universidade e três politécnicos) e uma escola secundária. Foram usados Testes-C de Francês e de Inglês juntamente com o questionário usado em toda a «survey», o qual sofreu pequenas alterações a fim de ser adaptado à situação portuguesa (anexo 1).

A análise apresentada nesta comunicação diz respeito a estudantes de Inglês e consta do seguinte:

- 1 — os dados de 498 estudantes de Inglês, de todas as instituições mencionadas, foram analisados comparativamente aos da «survey» britânica, correspondente aos estudantes de Espanhol britânicos e irlandeses;
- 2 — foi feita uma comparação entre os dados referentes aos estudantes da Variante de Português/Inglês (138) de dois politécnicos (um situado na Grande Lisboa e outro a norte de Portugal) e estudantes de Línguas e Literaturas Modernas de uma universidade da região de Lisboa.

Da totalidade dos estudantes em análise, 74.7% são do sexo feminino e 23.5% do sexo masculino. A média de idades é de 22 anos, com 81.9% de idades compreendidas entre os 18 e os 23 anos. 18.1% tem 24 anos ou mais. 63.2% frequenta os dois primeiros anos, quando todos têm Inglês no curriculum. Nos 3.º e 4.º anos só foram testados os estudantes de cursos de Línguas. A maior percentagem de estudantes estuda Inglês há mais de 7 anos (87.6%) e 35.3% estuda esta língua há 10 anos. A maioria (97.4%) tem nacionalidade portuguesa. A língua materna de 93.4% é a língua portuguesa. O Português é também a língua materna do pai e da mãe da maior parte dos estudantes, os quais maioritariamente fizeram a sua escolaridade em Português. No quadro 1 podem ler-se estas percentagens em pormenor.

QUADRO 1 — LÍNGUA DE ORIGEM: PERCENTAGENS

	DA MÃE	DO PAI	DO PRÓPRIO	ESCOLA
INGLÊS	0.6	0.4	2.0	5.2
ESPAÑHOL	0.2	—	—	0.2
ALEMÃO	0.6	0.2	2.2	2.8
PORTUGUÊS	97.8	98.4	93.4	93.8
ASIÁTICA	0.2	0.4	0.2	0.2
AFRICANA	0.6	0.8	0.4	—
FRANCÊS	—	—	3.2	2.4
OUTRA	—	—	—	4.0

QUADRO 2 — VISITAS A PAÍSES ONDE SE FALA A LÍNGUA EM ESTUDO

	PORTUGUESES A ESTUDAR INGLÊS	BRITÂNICOS/IRLANDESES A ESTUDAR ESPAÑHOL
ESTADAS NO ESTRANGEIRO	24.1	88.8
FREQUÊNCIA		
Uma vez	15.1	20.8
2-5 vezes	6.0	45.3
Mais de 5 vezes	2.8	33.8
DURAÇÃO TOTAL		
Menos de 1 semana	4.8	3.0
1 semana-1 mês	10.4	33.6
1 mês-1 ano	5.2	41.3
Mais de 1 ano	3.4	21.5
CIRCUNSTÂNCIA		
Férias	12.0	61.1
Amigos ou família	6.6	26.2
Visita de estudo	3.4	12.2
Trabalho	1.6	15.6
Intercâmbio	1.7	21.2
Curso de língua	1.4	14.9
Exigência de curso	0.4	21.2
Au pair	0.2	5.2
Outra	4.2	7.8

2.3. Dados para um perfil de estudantes de Inglês a frequentar o ensino superior em Portugal

Experiências de vida e contactos com falantes de Inglês

Um resultado impressionante quando comparado com o estudo britânico é o de que os estudantes portugueses visitaram muito pouco os países falantes de Inglês: as percentagens

são de 24.1% de portugueses contra 88.8% de estudantes britânicos e irlandeses. Dos 24.1%, a maior parte (15.1%) fez apenas uma visita e 12% do total fizeram-no por iniciativa própria, em férias.

A comparação com os britânicos/irlandeses (quadro 2) sugere algumas tentativas de explicação. Uma explicação possível poderá prender-se com o baixo rendimento médio das famílias portuguesas aliado à dificuldade de obtenção de bolsas de estudo compatíveis com o real custo de vida. Isto poderá levar a que a iniciativa própria, apesar de ser a maior responsável pelas visitas efectuadas, seja baixa. Por outro lado, em Portugal parece ainda não haver muito o hábito de organizar visitas de estudo ao estrangeiro ou iniciar programas de intercâmbio por parte das escolas. Os programas de intercâmbio europeus, financiados pelo ERASMUS e LINGUA são manifestamente insuficientes. Mais, ao contrário dos britânicos, os estudantes de Línguas em Portugal não são obrigados a passar um período de tempo num país falante das línguas em estudo. Como o quadro 2 demonstra, estas três razões associadas levam 54.6% de britânicos e irlandeses a visitar o estrangeiro, contra 5.5% de portugueses.

Por outro lado, esta fraca experiência de contacto directo com países estrangeiros não é compensada pelo acolhimento de estrangeiros em casa ou por amigos no estrangeiro. Também aqui os portugueses estão em nítida desvantagem, com 35.7% (contra 58.5%) a dizerem receber visitas de estrangeiros e 33.3% (contra 43.3%) a dar conta de amigos no estrangeiro (quadro 3).

**QUADRO 3 — INTERACÇÕES COM FALANTES DA LÍNGUA-ALVO
E SEUS POSSÍVEIS EFEITOS**

	PORTUGUESES A ESTUDAR INGLÊS	BRITÂNICOS/IRLANDESES A ESTUDAR ESPANHOL
ANSIEDADE LINGUÍSTICA		
Embaraçado/a	45.2	30.2
Não embaraçado/a	36.5	69.4
AMBIÇÃO DE SER TOMADO/A POR FALANTE NATIVO	77.7	82.6
POSSIBILIDADE REAL	66.7	63.0
AMIGOS ESTRANGEIROS	33.3	43.3
VISITAS DE ESTRANGEIROS		
Algumas ou muitas	35.7	58.5

O pouco contacto com falantes nativos evidenciado pelos números (quadro 3) poderá em certa medida justificar o alto grau de ansiedade linguística que os portugueses dizem experimentar: 45,2% (a percentagem de britânicos e irlandeses é de 30,2%) confessam-se embaraçados quando fazem erros de língua. Outra explicação possível para esta ansiedade pode ter a ver com métodos de ensino a que estiveram sujeitos — excesso de correcção formal da língua em detrimento da promoção da fluência comunicativa.

Algo que os portugueses têm em comum com os seus colegas europeus é o seu desejo de serem tomados por falantes nativos da língua em estudo. Embora sejam ligeiramente menos

ambiciosos que os britânicos e irlandeses (82.6%), 77.7% dos portugueses gostaria de ser tomado como tal. São, contudo, ainda um pouco mais irrealistas do que aqueles, pois 66.7%, contra 63.0%, considera esta como uma meta atingível (quadro 3).

Intenções de uso da língua-alvo

Os usos que no futuro uns e outros tencionam fazer da língua também mostram algumas diferenças (quadro 4). Entre as mais significativas contam-se a intenção de fazer negócios e escrever cartas, por parte dos britânicos e irlandeses e ensinar, por parte dos portugueses. Ainda assim, tendo em conta que muitos dos estudantes portugueses se encontram a frequentar licenciaturas em ensino, não deixa de ser curioso que o desejo de ensinar se manifeste em sexto lugar, depois de fazer amizades, ler a imprensa, ver filmes e TV, ler literatura e conversar.

QUADRO 4 — INTENÇÕES DE USO DA LÍNGUA

	PORTUGUESES	BRITÂNICOS/IRLANDESES
Conversação	2.44	2.75
Filmes e TV	2.53	2.40
Literatura	2.49	2.23
Rádio	2.06	2.15
Discurso académico	2.19	2.11
Correio social	1.92	2.30
Negócios	2.07	2.41
Imprensa	2.55	2.57
Amizade	2.61	2.77
Telefonemas	1.67	2.17
Ensino	2.37	1.73

Valor atribuído aos cursos como preparação para a vida activa

A comparação de capacidades que, no entender dos próprios, estão a ser desenvolvidas pelos cursos com vista à aplicação na vida activa, foi feita em termos do que os portugueses, por seu lado, e os britânicos, pelo seu, acreditam que está realmente a acontecer (ganhas) e do que gostariam que estivesse a acontecer (necessárias). Pelo quadro comparativo n.º 4, utilizando a escala de 1-3 (ver anexo), podemos concluir que, de uma forma genérica, o balanço entre ganhos e necessidades é um pouco mais equilibrado no caso dos portugueses. É, por exemplo, o caso da Informática, trabalho de grupo, resolução de problemas. Obviamente, este dado não pode ser tomado isoladamente uma vez é impossível saber o seu real significado neste tipo de estudo, ou seja se o equilíbrio é real ou se a consciência das necessidades da vida activa é mais aguda num ou no outro caso.

Imagens dos falantes de Inglês e dos portugueses

Os estereótipos culturais e a fraca auto-imagem que os portugueses geralmente têm de si próprios são infelizmente confirmados pelo estudo. As respostas às perguntas 17 e 23 do

QUADRO 5 — DESENVOLVIMENTO DE CAPACIDADES

CAPACIDADE	GANHA	GANHA	NECESSÁRIA	NECESSÁRIA
	Portugueses	Britânicos/Irlandeses	Portugueses	Britânicos/Irlandeses
Informática	2.06	1.69	2.18	2.21
Apresentações orais	2.57	2.59	2.65	2.71
Relatórios escritos	2.57	2.65	2.62	2.75
Processamento de informação	2.56	2.43	2.65	2.71
Argumentação	2.36	2.33	2.42	2.55
Matemática	1.25	1.20	1.57	1.76
Trabalho de grupo	2.18	2.01	2.38	2.59
Resolução de problemas	2.01	1.82	2.37	2.43
Objectivos	2.19	2.33	2.49	2.70
Imaginação	2.27	2.02	2.56	2.32
Tradução/Interpretação	2.61	2.72	2.70	2.46
Estudos de área	2.10	2.45	2.25	2.28
Organização	2.08	2.49	2.55	2.84

questionário, utilizando a escala 1-3 (ver em anexo) demonstram que os portugueses têm tendência a considerar que os falantes de Inglês são melhores naquilo que a cultura ocidental valoriza mais. Neste estudo os estudantes portugueses têm uma imagem dos falantes de Inglês melhor do que a de si próprios e melhor, inclusivamente, da que aqueles têm de si próprios. Pela análise do quadro 6, verifica-se que os portugueses consideram os britânicos e irlandeses mais sérios, mais competentes, mais eficientes e mais lógicos. Os seus compatriotas portugueses são tidos como mais prestáveis, mais bem humorados, mais emocionais, menos arrogantes, mais tolerantes e mais simpáticos, características que podem ser consideradas positivas. Menos positivo é, no

QUADRO 6 — IMAGEM DOS ESTRANGEIROS E DOS COMPATRIOTAS

CARACTERÍSTICAS	BRIT./IRL. (PORTUGUESES)	COMPATRIOTAS (BRIT./IRL.)	COMPATRIOTAS (PORTUGUESES)
Prestáveis	2.89	2.95	3.31
Bem humorados	2.85	3.11	3.29
Impacientes	2.13	2.71	2.95
Seguros de si	3.03	2.85	2.70
Trabalhadores	3.12	3.09	2.95
Barulhentos	2.00	2.47	2.91
Sérios	3.30	3.01	2.58
Calmos	3.19	2.86	2.38
Teimosos	2.50	2.78	2.89
Emocionais	2.24	2.44	3.41
Competentes	3.29	3.09	2.92
Tímidos	2.20	2.57	2.21
Pacientes	2.86	2.69	2.35
Arrogantes	2.36	2.62	2.11
Tolerantes	2.65	2.74	2.73
Preguiçosos	1.76	2.40	2.51
Simpáticos	3.02	3.00	3.45
Eficientes	3.32	3.01	2.75
Lógicos	3.19	2.99	2.77
Generosos		2.77	3.02

entanto, serem também tidos como mais impacientes, mais barulhentos, mais teimosos, mais preguiçosos, menos seguros, menos trabalhadores, menos sérios, menos calmos, menos competentes, menos eficientes e menos lógicos. Em termos da nossa cultura ocidental, não há dúvida que os portugueses se encontram em nítida desvantagem.

2.4. Os resultados do Teste-C

Em primeiro lugar, apresentam-se os resultados obtidos em cada um dos 5 textos que compunham o Teste (quadro 7). Seguidamente, apresentam-se os resultados totais por Teste, em cada um dos anos (quadro 8). É de notar que os resultados do 4.º ano são inferiores aos do 3.º (embora a diferença não seja acentuada — menos 5 pontos percentuais) e que o maior progresso se dá do 2.º para o 3.º ano (18.9%). Este assunto será retomado mais adiante.

QUADRO 7 — DOMÍNIO DA LÍNGUA (PROFICIENCY)
Máximo resultado possível: 25 em cada teste

	MÉDIA	MEDIANA
Texto 1	12.8	13.0
Texto 2	9.4	9.0
Texto 3	11.9	12.0
Texto 4	10.1	10.0
Texto 5	13.0	13.0

QUADRO 8 — RESULTADOS TOTAIS EM CADA ANO

	MÉDIA	DESVIO PADRÃO
1.º ano	51.9	18.3
2.º ano	53.2	18.0
3.º ano	72.1	13.8
4.º ano	66.9	16.4
(12.º Secundário)	24.0	

2.5. Análise comparativa de dados referentes a estudantes de cursos de Inglês em Portugal

A amostra é aqui constituída por 315 estudantes matriculados em 3 instituições, sendo 177 de uma universidade (Curso de Línguas e Literaturas Modernas) e 138 de dois politécnicos (Cursos da Variante de Português/Inglês). Começarei por apresentar os resultados do Teste-C, domínio da língua «proficiency» conseguidos por todos os estudantes (quadro 9).

QUADRO 9 — DOMÍNIO DA LÍNGUA (PROFICIENCY)
(Resultado mais alto possível: 125)

	MÉDIA	DESVIO PADRÃO
Total	64.1	16.2
1.º ano	62.2	13.4
2.º ano	58.1	17.9
3.º ano	72.1	13.8
4.º ano	67.6	15.7

No quadro 10 apresentam-se os resultados de cada ano em cada uma das três instituições.

QUADRO 10 — DOMÍNIO DE LÍNGUA EM CADA INSTITUIÇÃO
(N entre parêntesis)

	1.º ANO	2.º ANO	3.º ANO	4.º ANO
Instituição n.º 1	62.2 (14)	54.7 (30)	68.4 (18)	63.6 (12)
Instituição n.º 2	56.5 (19)	39.6 (20)	76.0 (15)	55.1 (10)
Instituição n.º 3	64.2 (62)	67.8 (48)	72.1 (43)	73.7 (24)

O dado mais curioso do quadro 9 é o facto de que a média dos resultados do 4.º ano é inferior à do 3.º e a do 2.º é inferior à do 1.º ano. Como o estudo não é longitudinal, os resultados referem-se a alunos diferentes e muitas podem ser as razões que estão na raiz do problema. Examinando agora o quadro 10, verifica-se que a instituição n.º 3 (a universidade) é aquela que apresenta resultados mais regulares. No entanto, apesar dos seus resultados de 4.º ano não serem inferiores aos do 3.º, o progresso de pouco mais de um ponto percentual, permite lançar a dúvida sobre a real eficácia da oferta de língua no 4.º ano (que não existe nos politécnicos). Como tendência geral, verifica-se que a maior subida nos resultados se efectua, em todas as instituições, do 2.º para o 3.º ano.

Um outro dado que pode ter interesse é o de que a universidade parece ainda atrair estudantes de nível ligeiramente superior — a diferença no 1.º ano entre a universidade e um dos politécnicos é de 7.7%. No entanto, o que é curioso é que a diferença entre os resultados da universidade e os dos politécnicos não é estatisticamente significativa. Seria, no entanto, de esperar diferenças bastante mais pronunciadas tendo em conta as cargas horárias da disciplina de Inglês nas diferentes instituições. De facto, a universidade quase duplica o número de horas oferecidas por um dos politécnicos — 6 horas contra 3 horas e meia semanais.

Antes de sugerir algumas conclusões, gostaria ainda de examinar os dados comparativos das três instituições no que se refere às capacidades ganhas e necessárias que, do ponto de vista dos estudantes, os respectivos cursos desenvolvem (quadro 11).

QUADRO 11 — DESENVOLVIMENTO DE CAPACIDADES

CAPACIDADE	GANHA	GANHA	GANHA	NECESSÁRIA	NECESSÁRIA	NECESSÁRIA
	Inst. 1	Inst. 2	Inst. 3	Inst. 1	Inst. 2	Inst. 3
TI	2.07	1.97	1.78	2.18	2.07	2.02
Apresentações orais	2.75	2.84	2.72	2.94	2.72	2.80
Relatórios escritos	2.76	2.66	2.78	2.75	2.62	2.76
Processamento de informação	2.60	2.72	2.63	2.79	2.57	2.73
Argumentação	2.41	2.62	2.42	2.63	2.67	2.44
Matemática	1.31	1.46	1.06	1.59	1.65	1.30
Trabalho de grupo	2.39	2.28	2.16	2.58	2.61	2.27
Resolução de problemas	2.08	2.05	1.97	2.48	2.24	2.40
Objectivos	2.27	2.46	2.17	2.70	2.59	2.58
Imaginação	2.49	2.63	2.30	2.86	2.80	2.59
Tradução/Interpretação	2.56	2.83	2.73	2.88	2.95	2.85
Estudos de área	2.24	2.10	2.30	2.34	2.27	2.38
Organização	2.27	2.36	2.17	2.76	2.26	2.63

Neste quadro não se vê evidência de que os cursos da universidade sejam considerados mais ajustados à vida activa do que os dos politécnicos. Pelo contrário, os dados indicam uma ligeira superioridade dos politécnicos em quase todas as capacidades.

Obviamente os dados actuais necessitam de ser confirmados por investigação posterior. A contribuição deste estudo exploratório será a de chamar a atenção para o interesse que há em que a investigação se debruce sobre o estudo de línguas nas diferentes instituições portuguesas.

CONCLUSÕES

A «European Language Proficiency Survey» demonstrou haver diferenças substanciais entre os estudantes de Línguas de diferentes países europeus. As diferenças entre os estudantes portugueses e os estudantes britânicos e irlandeses são significativas, quer em termos de condições de aprendizagem e de oportunidades, quer em termos de atitudes e de auto-imagem. O atraso português é nítido. Em vez da tão propalada ideia de Portugal como um país de viajantes, aberto à interacção com o exterior, encontramos jovens que, devendo estar na primeira linha desse estilo de vida, estão confinados ao seu próprio espaço, alimentando estereótipos culturais inaceitáveis, onde a aprendizagem de línguas estrangeiras é quase exclusivamente confinada ao contexto artificial de uma sala de aula.

A investigação britânica demonstrou que o grande progresso na «proficiency» dos estudantes (acima dos 20 pontos percentuais) se verifica após a estada (obrigatória) num país onde se fala a língua alvo. Estes dados, em articulação com os dados do estudo português, parecem indicar que o número de horas passado em contexto de sala de aula, a partir de um certo nível de língua, não está correlacionado com a «proficiency» linguística. Por outras palavras, o estudo de línguas em sala de aula tende a estacionar num determinado nível, a partir do qual se torna ineficaz. As implicações para a organização curricular dos cursos é enorme e devia ser objecto de estudo e atenção por parte dos responsáveis.

As diferenças entre a universidade e os politécnicos não são significativas, nem em termos de resultados referentes ao domínio da língua, nem em termos da satisfação que os seus cursos proporcionam aos estudantes. Tendo em conta que os politécnicos são instituições recentes, sem tradição, com cursos mais curtos, em que a componente de ensino no 1.º ciclo rouba tempo curricular a outras áreas fundamentais, como, por exemplo, o ensino das línguas, os resultados do estudo não deixam de ser tranquilizantes para estas instituições.

Este é, no entanto, um estudo de muita reduzida dimensão, do qual não é possível tirar conclusões definitivas. Todavia é certamente possível formular hipóteses para investigação futura. Esperamos ter contribuído para que ela surja.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA SOBRE O TESTE-C E A EUROPEAN SURVEY

- COLEMAN, J. A. — *Degrees of Proficiency: Assessing the Progress and Achievement of University Language Learners*. «French Studies Bulletin», 50, pp. 11-16.
- *Profiling the Advanced Language Learner: The C-Test in British Further and Higher Education*, in GROTTJAN, R. (ed) «Der C-Test Theoretische Grundlagen und praktische Anwendungen», Bochum, Brockmeyer, 2, 1994, pp. 217-237.
- *Progress, Proficiency and Attitudes among University Language Learners*. «Occasional Paper n.º 40», Centre for Language and Communication Studies, Trinity College, Dublin, Spring 1995.

- GROTJAHN, R. — *O Teste-C de Leitura: Uma Visão Panorâmica*. «Letras de Hoje», Porto Alegre, 1991, 26, pp. 144-173.
- (ed) *Der C-Test. Theoretische Grundlagen und praktische Anwendungen*, Bochum, Brockmeyer, 1992, 1.
- (ed) *Der C-Test. Theoretische Grundlagen und praktische Anwendungen*, Bochum, Brockmeyer, 1994, 2.
- (ed) *Der C-Test. Theoretische Grundlagen und praktische Anwendungen*, Bochum, Brockmeyer, 1995, 3.
- GROTJAHN, R.; KLEIN-BRALEY, C.; RAATZ, U. — *C-Tests in der praktischen Anwendung Erfahrungen beim Bundeswettbewerb Fremdsprachen*, in GROTJAHN, R. (ed), 1992, pp. 263-296.
- KLEIN-BRALEY, C. — *Empirical Investigation of Cloze Tests*. Ph. D. Thesis, University of Duisburg, 1981.
- *On the Suitability of Cloze Tests as Measures of Reading Comprehension*, in VAN DER GEEST, A. J. M.; KOSTER, C. J.; MATTER, J. F. (eds) «Toegepaste taalwetenschap in artikelen 13, Amsterdam, VU Boekhandel, 1982, pp. 49-61.
- *A Cloze is a Cloze is a Question*, in OLLER, J. W. Jr. (ed), «Issues in Language Testing Research», Rowley, Mass., Newbury House, 1983, pp. 218-228.
- *Advance Prediction of Difficulty with C-Tests*, in CULHANE, T.; KLEIN-BRALEY, C.; STEVENSON, D. K. (eds) «Practice and Problems in Language Testing», Essex, University of Essex Occasional Papers, 1984, pp. 97-114.
- *A Cloze-up on the C-Test. A study in the Construct Validation of Authentic Tests*, «Language Testing», 1985, 2, pp. 76-104.
- *C-Tests and Construct Validity*, in KLEIN-Braley & Raatz (eds), 1985, pp. 55-65.
- *C-Tests as Placement Tests for German University Students of English*, in KLEIN-Braley & Raatz (eds), 1985, pp. 96-100.
- *Reduced Redundancy as an Approach to Language Testing*, in KLEIN-Braley & Raatz (eds), 1985, pp. 1-13.
- *Ask a Stupid Question...: Testing Language Proficiency in the Context of Research Studies*, in DE BOT, K.; GINSBERG, R. B.; KRAMSCH, C. (eds), «Foreign Language Research in Cross-cultural Perspective, Benjamins, Amsterdam, 1991, pp. 73-94.
- *Objektives Erfassen von Hör- und Leseverstehen. Einige Erkenntnisse aus der Theorie der Leistungsmessung und deren Bezug zur Prüfung zum Nachweis Deutscher Sprachkenntnisse*, in DaF, 19, 6, pp. 649-663.
- KLEIN-BRALEY, C.; RAATZ, U. (eds) *Fremdsprachen und Hochschule 13/14: Thematischer Teil: C-Tests in der Praxis*, Bochum, AKS, 1985.
- RAATZ, U. — *The Factorial Validity of C-Tests*, in CULHANE, T.; KLEIN-BRALEY, C.; STEVENSON, D. K. (eds) «Practice and Problems in Language Testing», Colchester, University of Essex, 1984, 7, pp. 124-139.
- *Better Theory for Better Tests?*, in «Language Testing», 1985, 2, pp. 60-75.
- *Tests of Reduced Redundancy-The C-Test, a Practical Example*, in KLEIN-BRALEY, C.; Raatz, U. (eds), 1985, pp. 14-19.
- *C-Tests im Muttersprachlichen Unterricht*, in KLEIN-BRALEY, C.; RAATZ, U. (eds), 1985, pp. 66-71.
- *Investigating the Dimensionality of Language Tests—a New Solution to An Old Problem*, in KOHONEN, V.; VON ESSEN, H.; KLEIN-BRALEY, C. (eds), «Practice and Problems in Language Testing», 1985, 8, AFinLa, Tampere, pp. 123-136.
- RAATZ, U.; KLEIN-BRALEY, C. — *The C-Test-A Modification of the Cloze Procedure*, in CULHANE, T.; KLEIN-BRALEY, C.; STEVENSON, D. K. (eds) «Practice and Problems in Language Testing», Essex, University of Essex Occasional Papers, 1981, pp. 113-148.
- *How to Develop a C-Test*, in KLEIN-Braley & Raatz (eds), 1985, pp. 20-22.

ANEXO

EUROPEAN LANGUAGE PROFICIENCY SURVEY:
QUESTIONÁRIO

Este teste e questionário fazem parte de um grande estudo internacional sobre a
aprendizagem de línguas ao nível avançado.
Estão garantidos o anonimato e a confidencialidade.

POR FAVOR, RESPONDA AO MAIOR NÚMERO DE PERGUNTAS QUE LHE FOR POSSÍVEL.
RESPONDA ESPONTANEAMENTE — NÃO SE DEMORE SOBRE AS RESPOSTAS
TEM 30 MINUTOS PARA COMPLETAR O QUESTIONÁRIO

Se alguma vez respondeu a um destes questionários, indique por favor a língua do Teste-C que o acompanhava:

*Francês * Alemão * Espanhol * Russo * Inglês **

Aplido(s) _____

Nome(s) próprio(s) _____

1. Data de Nascimento

(dia/ mês/ano)

2. Língua do Teste-C

Francês * Alemão * Espanhol * Russo *

3. Sexo

Masculino * Feminino *

4. Em que tipo de curso está incluída a língua em que está a fazer o teste?

Licenciatura * Bacharelato * Curso profissional * Outro *

5. Qual é a sua área de especialização? (Se não encontrar uma denominação exacta, escolha a mais aproximada)

Francês	*	Comunicação Social	*
Alemão	*	Arte/Expressões	*
Espanhol	*	Filosofia	*
Russo	*	Letras/Humanísticas	*
Italiano	*	Economia/Contabilidade	*
Português	*	Ciências Empresariais/Marketing	*
Inglês	*	Política	*
Outra Língua	*	Sociologia	*
Educadores de Infância	*	Psicologia	*
Professores do 1.º ciclo	*	Outras Ciências Sociais	*
Professores do E.B., Variante de _____		Geografia	*
Linguística	*	Matemática/Estatística	*
Estudos Europeus	*	Informática/Computadores	*
Estudos Latino Americanos	*	Engenharia	*
Direito	*	Outras Ciências	*
História/Arqueologia	*	Outra	*

6. O seu curso tem uma língua estrangeira obrigatória?

Não * Sim *

Se respondeu não, passe à pergunta seguinte. Se respondeu sim, diga qual *Inglês * Francês * Outra **

7. Em que ano do curso se encontra presentemente?

1 * 2 * 3 * 4 * 5 *

8. Nacionalidade: se tem mais do que uma, indique-as todas

Britânica	Francesa	Alemã	Espanhola	Portuguesa	Italiana	Outra Europeia	Outra Asiática	Outra Africana	Outra

9. Língua de Origem. Preencha mais do que uma coluna para cada pergunta, se for caso disso.

- a) Qual é a língua materna da sua mãe?
b) Qual é a língua materna do seu pai?
c) Qual foi a primeira língua que aprendeu? (língua materna)
d) Em que língua lhe foram ensinadas na escola as disciplinas principais?

Inglês	Galês	Francês	Alemão	Espanhol	Português	Italiano	Outra Europeia	Outra Asiática	Outra Africana	Outra

10. Durante quantos anos estudou a língua do teste que está a fazer?

1 * 2 * 3 * 4 * 5 * 6 * 7 * 8 * 9 * 10 ou mais *

11. Alguma vez esteve num país onde é falada a língua do teste que está a fazer?

Sim * Não * (Se NÃO, por favor passe à pergunta 17)

12. Se SIM, quantas vezes?

uma vez * menos de cinco * mais de cinco *

13. Quanto tempo esteve ao todo?

menos de uma semana? * de uma semana a um mês * de um mês a um ano * mais de um ano *

14. Em que circunstâncias? Assinale mais do que uma alternativa, se for o caso.

* visita de estudo * intercâmbio * curso de línguas * estada com amigos ou parentes * «au pair»
* férias * trabalho * exigência do seu curso * outra

Se respondeu sim a «exigência do seu curso»,

15. Qual a duração da estada?

* menos de um trimestre? * um trimestre? * um semestre? * um ano?

16. Foi na qualidade de

* assistente de línguas? * trabalhador? * estudante? * outra?

17. Em sua opinião, quais dos seguintes adjectivos melhor descrevem as pessoas que falam a língua do teste que está a fazer?

	De modo algum	Pouco	Bastante	Muito
PRESTÁVEIS				
BEM HUMORADAS				
IMPACIENTES				
SEGURAS DE SI				
TRABALHADORAS				
BARULHENTAS				
SÉRIAS				
CALMAS				
TEIMOSAS				
EMOTIVAS				
COMPETENTES				
TIMIDAS				
PACIENTES				
ARROGANTES				
TOLERANTES				
PREGUIÇOSAS				
SIMPÁTICAS				
EFICIENTES				
LÓGICAS				

18. Qual considera ser o seu nível geral de língua(s) estrangeira(s)?

	Baixo	Intermédio	Alto	Quase nativo
INGLÊS				
FRANCÊS				
ALEMÃO				
ESPAÑHOL				
PORTUGUÊS				
ITALIANO				
GALES				
RUSSO				
SUECO				
HOLANDÊS				

19. Indique as principais razões que o levaram a estudar a língua do teste que está a fazer? Escolha até SEIS respostas:

- * para conhecer/fazer amigos entre as pessoas que a falam
- * para a sua carreira futura
- * para viajar por diferentes países
- * para se tornar uma pessoa mais culta
- * porque gostava do professor/a
- * para compreender melhor o modo de vida no país ou países onde ela é falada
- * porque é uma língua internacional
- * porque os seus amigos estão a estudá-la
- * porque é uma disciplina obrigatória do seu curso
- * porque era bom aluno/a nessa língua
- * por ter laços familiares com o país (incluindo língua materna)
- * por gostar da língua
- * porque se é mais respeitado pelos outros se se falar outras línguas
- * porque é um instrumento necessário aos seus estudos académicos
- * porque os seus pais quiseram
- * para se encontrar com um maior leque de pessoas na sua vida
- * porque gostaria de viver num país onde a língua é falada

20. Que usos espera vir a fazer da língua em que está a ser testado/a? Hierarquize o seu interesse em usá-la para desenvolver as seguintes actividades.

	Muito pouco interesse	Algum interesse	Muito interesse
Envolver-se em conversas com falantes nativos			
Ver filmes e televisão na língua original			
Ler literatura na língua			
Ouvir rádio na língua			
Tomar parte em discussões académicas com falantes nativos			
Escrever cartas para efeitos sociais/gerais			
Trabalhar na área dos negócios			
Ler jornais e revistas na língua			
Fazer amigos entre os falantes nativos da língua			
Fazer telefonemas			
Ensinar a língua			

21. No final do curso, em que medida pensa que o mesmo o terá ajudado a desenvolver as seguintes competências:

	Nada	Em parte	Muito
Usar a informática e os computadores			
Comunicar: fazer apresentações orais			
Comunicar: escrever relatórios			
Comunicar: obter, seleccionar e assimilar informação, identificar questões e problemas			
Comunicar: sustentar um argumento			
Usar a Matemática			
Trabalhar em grupo			
Resolver problemas			
Enunciar e atingir objectivos			
Imaginar e criar			
Traduzir/Interpretar			
Conhecer a política, a economia, a história, etc. de outras pessoas			
Organizar-se a si próprio, o seu tempo e o seu trabalho			

22. Quando faz um erro ao falar a língua estrangeira,

sente-se embaraçado/a * não se importa *

23. Em sua opinião, quais destes adjectivos descrevem melhor as pessoas da sua própria nacionalidade?

	De modo algum	Pouco	Bastante	Muito
FMOTIVAS				
ARROGANTES				
SÉRIAS				
SIMPÁTICAS				
SEGURAS DE SI				
GENEROSAS				
LÓGICAS				
CALMAS				
PREGUIÇOSAS				
PRESTÁVEIS				
EFICIENTES				
IMPACIENTES				
TEIMOSAS				
COMPETENTES				
BEM HUMORADAS				
TÍMIDAS				
TRABALHADORAS				
PACIENTES				
BARULHENTAS				
TOLERANTES				

24. Gostaria de ser tomado/a por um falante nativo da língua do teste que está a fazer?

* Sim * Não

25. Espera vir a adquirir todas ou quase todas as competências de língua de um falante nativo?

* Sim * Não

26. Os seus pais falam alguma(s) língua(s) diferente(s) das que foram referenciadas na pergunta n.º 9?

* Sim * Não

27. Eles encorajam-no/a activamente a estudar línguas estrangeiras?

* Sim * Não

28. Têm pessoas amigas no estrangeiro com quem trocam visitas?

* Sim * Não

29. Recebe visitas de estrangeiros em sua casa?

* muitas vezes * às vezes * raramente * nunca

30. Além das competências em língua estrangeira e de qualidades pessoais, qual a importância que espera venham a ter as seguintes competências no seu futuro emprego?

	Nenhuma	Alguma	Muita
Matemática			
Conhecimento de política, economia, história, etc., de outros países			
Resolução de problemas			
Organização pessoal, o seu tempo e o seu trabalho			
Comunicação: sustentar um argumento			
Comunicação: escrever um relatório			
Comunicação: obter, seleccionar e assimilar informação, identificar questões e problemas			
Comunicação: fazer apresentações orais			
Informática/Computadores			
Tradução/Interpretação			
Imaginação e criatividade			
Enunciação e consecução de objectivos			
Trabalho em grupo			

Muito obrigado por ter preenchido este questionário